

## A educação escolar nas páginas do *Boletim da Escola-Oficina* Nº. 1 de Lisboa: o ensino de ciências\*

Luiz Carlos Barreira

---

### Resumo

Este artigo apresenta resultados da análise de um boletim publicado em Lisboa, em 1918, denominado *Boletim da Escola-Oficina Nº. 1*. A escola, que nomeia este periódico, foi criada em 1905 e pertencia à Sociedade Promotora de Escolas, uma instituição maçônica republicana. A presença de professores libertários – como Adolfo Lima, Emílio Costa e Deolinda Lopes Vieira (Pinto Quartim), dentre outros – no corpo docente dessa escola, dois anos após a sua abertura, resultou numa “verdadeira revolução silenciosa no campo da educação escolar”, na avaliação de António Candeias (1994), um dos principais estudiosos portugueses do assunto. Esses professores teriam sido os principais responsáveis por uma nova forma de educar, orientada por saberes e práticas de inspiração libertária. Por essas razões, o *Boletim da Escola-Oficina Nº. 1* fez-se objeto e fonte de fundamental importância para o conhecimento de algumas das práticas dessa singular instituição de ensino, apesar de ter sido editado por apenas um ano, entre janeiro e dezembro de 1918.

**Palavras-chave:** Educação libertária; Imprensa; Propaganda educativa.

### The school education in the pages of the *Boletim da Escola-Oficina* Nº. 1 of Lisbon: the teaching of science

### Abstract

This article presents results of the analysis of a bulletin published in Lisbon in 1918, named *Boletim da Escola-Oficina Nº. 1*. The school that nominates this journal was created in 1905 and belonged to the Society for Promoting Schools, a Republican Masonic institution. The presence of libertarian teachers – as Adolfo Lima, Emilio Costa and Deolinda Lopes (Pinto Quartim), among others – in the faculty of that school, two years after its opening, resulted in a “true and silent revolution in the field of school education,” according to António Candeias (1994), one of the Portuguese scholars of that subject. These teachers were considered the main responsible for a new form of educating, based on the knowledge and practices of libertarian inspiration. For these reasons, the *Boletim da Escola-Oficina Nº.1* has become an object of research and a source of fundamental importance for the knowledge of some of the practices of that singular school, despite having been published for only one year, between January and December 1918.

**Keywords:** Libertarian education; Papers; Educational propaganda.

---

\* Este artigo apresenta resultados parciais de um projeto de pesquisa que conta com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (Cf. BARREIRA, 2008).

## Introdução

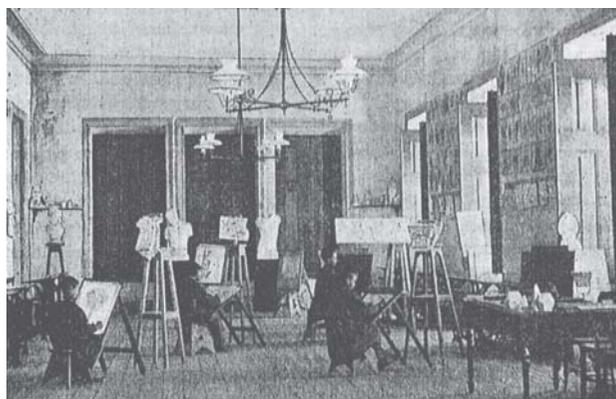
*Dize-nos como se deve fazer,  
mas dize-nos também  
o que fazes<sup>1</sup>.*

A Escola-Oficina N.º 1, cujo boletim é fonte e também objeto deste trabalho, foi fundada em 1905, por iniciativa da Sociedade Promotora de Escolas, uma organização vinculada à maçonaria portuguesa. Instalada, inicialmente, em um “modesto segundo andar” da Rua de São João da Praça, na cidade de Lisboa, foi inaugurada com apenas quatro alunos matriculados. Entretanto, não demorou muito a crescer, expandir-se e mudar de endereço. No ano de 1918, ocupava todo o espaço de um edifício situado no Largo da Graça, também na cidade de Lisboa, e mantinha uma população escolar de 160 alunos, aos quais proporcionava ensino gratuito nas seguintes modalidades: maternal, integral e preparatório profissional.

Era uma escola que praticava a coeducação. Seu plano de estudos se dividia por dez classes, que deveriam ser frequentadas por crianças entre cinco e quatorze anos de idade. A partir da oitava classe, o ensino tendia a se especializar, seguindo numa dire-

ção preparatória profissional. Para todos os efeitos legais, as certidões das sétima e décima classes, que a Escola-Oficina expedia, equivaliam, respectivamente, às certidões do primeiro e segundo graus da Instrução Primária Oficial. O quadro a seguir traz as aulas mantidas pela Escola-Oficina no ano de 1917.

De acordo com o *Boletim*, as aulas acima referidas eram inteiramente práticas, ministradas sem compêndios e completadas com excursões e visitas de estudo. Elas visavam a desenvolver os conhecimentos dos alunos, sua educação artística e preparo profissional.



Aula de desenho em 1909  
Fonte: *Boletim da Escola-Oficina N.º 1*, Lisboa, vol. 1, n. 3, p. 179, jul. 1918.

### Quadro I – Aulas mantidas pela Escola-Oficina N.º 1 (1917)

Aquarela	Decoração	Mecânica
Anatomia	Desenho	Mineralogia
Aritmética	Educação dos sentidos	Modelação
Artes aplicadas	Escrituração	Música
Botânica	Estofo	Noções práticas de coisas
Biologia	Física	Português
Confecção de chapéus	Fisiologia	Química
Ciclismo	Flores artificiais	Sociologia (História e Geografia)
Ciências físico-químicas	Francês	Talha
Ciências naturais	Geologia	Torno
Corte	Geometria	Trabalhos domésticos
Costura	Ginástica	Trabalhos manuais <sup>2</sup>
Culinária	Higiene	Zoologia
Datilografia	Inglês	
Dança	Marcenaria	

Fonte: *Boletim da Escola-Oficina N.º 1*, Lisboa, vol. 1, n. 4, p. 226, out. 1918.

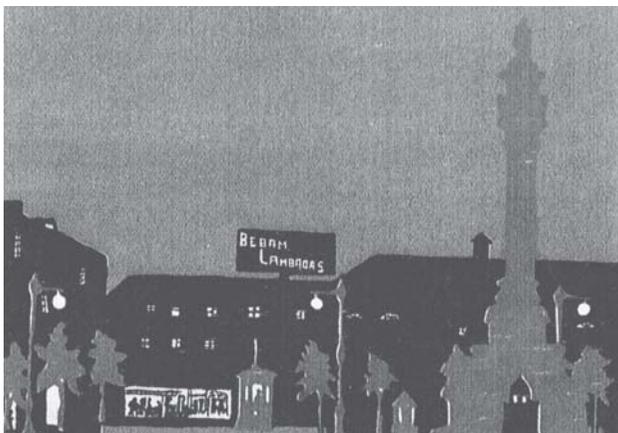
<sup>1</sup> Tais dizeres aparecem impressos na capa do *Boletim*, entre o título e o sumário de cada um dos números.

<sup>2</sup> Trabalhos realizados em cartão, madeira, metal e papel.

Também não havia provas e exames na Escola-Oficina. Ao final do ano letivo, todos os trabalhos executados pelos alunos, durante o ano, acompanhados de informações fornecidas por seus professores, eram expostos. Essas exposições serviam para avaliar os conhecimentos e aptidões dos alunos e lhes facultar a passagem ao grau, ou classe seguinte. Sem nenhuma exceção, esses trabalhos conservavam:

*[...] todos os seus erros, todos os seus defeitos, todas as suas perfeições, todas as suas virtudes.*

*O juízo [...] era] feito por todos os professores, em face dos trabalhos expostos, tendo contudo em consideração as observações do professor da respectiva disciplina, as notas tomadas durante o ano nos diários das aulas, e ainda os diversos fatores psico-fisiológicos da criança e os morais e sociais do meio (LIMA, 1918, p. 138).*



Trabalhos de alunos – Quadro obtido por meio de pedaços de papéis coloridos e sobrepostos, feito com auxílio de cartões postais. Aluno: M. N. P. de 13 anos (1914).  
Fonte: *Boletim da Escola-Oficina N.º 1*, Lisboa, vol. 1, n. 3, p. 162, jul. 1918.

Uma associação de alunos, denominada *A Solidária*, funcionava junto à Escola-Oficina e desempenhava funções importantes dentro e fora do espaço escolar. Essa associação discente dividia-se em diferentes seções e sustentava várias iniciativas, tais como: 1) almoço e lanche escolar; 2) teatro escolar; 3) dança; 4) ciclismo; 5) natação; 6) criação de animais; 7) o programa “Um mês no campo” – que, nos verões e

por um mês, procurava manter os alunos da Escola fora de Lisboa.

### Os cursos oferecidos pela Escola-Oficina N.º 1

Como dito anteriormente, o plano de estudos da Escola-Oficina N.º 1 previa a oferta de três modalidades de curso, divididos em dez classes e seis graus, como demonstrados no quadro a seguir.

**Quadro II** – Cursos oferecidos pela Escola-Oficina N.º 1 (1917)

CURSO	IDADE	CLASSE	GRAU
Maternal	5	-	-
	6	-	-
Geral (ou Integral)	7	I	1º
	8	II	
	9	III	
	10	IV	2º
	11	V	3º
Preparatório Profissional	12	VI	4º
	13	VII	5º
	14	VIII	6º

Fonte: *Boletim da Escola-Oficina N.º 1*, Lisboa, vol. 1, n. 2, p. 76-77, abr. 1918.

O curso maternal destinava-se à educação da infância. Voltado para crianças com 5 e 6 anos de idade, tinha uma duração de dois anos. Pelo menos até 1917 – ano letivo a que o *Boletim* se reporta, este curso não foi oferecido pela Escola-Oficina.

O curso geral, também denominado “integral”, compreendia cinco classes, agrupadas em três graus. O primeiro deles era o mais longo deles e tinha uma duração de três anos. Este curso atendia a crianças entre sete e onze anos de idade, preferencialmente.

No quarto grau, o ensino deixava de ser homogêneo, ramificando-se. Três modalidades do curso eram então oferecidas: o especial literário-científico, o especial de educação feminina e o curso preparatório profissional masculino e feminino. Todos eles com três anos de duração e voltados para crianças entre 12 e 14 anos de idade.

O curso especial literário-científico preparava o aluno para o ingresso no Liceu e, por essa razão, seu caráter era literário-científico, mas sem a exclusão do manual. Com esta advertência, os dirigentes da Escola queriam frisar que a unidade entre trabalho

intelectual e trabalho manual seria garantida, preservada. O caráter do curso seria determinado, portanto, pela predominância de um desses dois tipos de trabalho e essa predominância seria o fator diferenciador do curso.

De acordo com essa lógica, o fator diferenciador do curso especial de educação feminina seria a predominância do trabalho manual ou, de acordo com os dirigentes da Escola, de caráter “científico-manual utilitário”, sem a exclusão do caráter literário. Tanto é que este curso preparava as alunas para admissão em duas instituições de ensino distintas: o Liceu e o Curso Clássico de Educação Feminina.

O curso preparatório profissional masculino e feminino, sem perder de vista a lógica norteadora que, em tese, garantiria a unidade entre trabalho intelectual e manual, apresentava-se, desde o seu início, dividido em duas modalidades: cursos preparatórios

profissionais intelectuais e cursos preparatórios profissionais manuais. Os primeiros preparavam os alunos para admissão às Escolas Industriais (curso de Pintura, Desenho e Máquinas – de caráter “artístico-científico sem exclusão do literário”) e às Belas Artes (curso de Artes Plásticas – de caráter “artístico-científico manual sem exclusão do literário”). Os segundos, diferentemente dos primeiros, preparavam os alunos para o mercado de trabalho e observavam uma divisão sexual. Para os meninos, o curso Preparatório de Arte de Mobiliário – de caráter “técnico-manual sem exclusão do literário-científico” – formador de torneiros, marceneiros, entalhadores, decoradores, estofadores e serigueiros<sup>3</sup>. Para as meninas, o curso Preparatório de Artes Femininas – de caráter “manual sem exclusão do literário-científico” – formador de serigueiras, modistas de vestidos, modistas de chapéus, floristas e cozinheiras.

**Quadro III** – Quadro de frequência dos alunos matriculados na Escola-Oficina N.º 1 (1917), por classe e curso (geral e preparatório profissional)

MÊS	C L A S S E																							
	I			II			III			IV			V			VI			VII			VIII		
	CURSO GERAL												CURSO PREPARATÓRIO PROFISSIONAL											
	1º grau						2º grau			3º grau			4º grau			5º grau			6º grau					
	m	d	f	m	d	f	m	d	f	m	d	f	m	d	f	m	d	f	m	d	f	m	d	f
Jan.	57	-	48	28	-	26	25	-	16	16	-	14	11	-	8	8	-	6	2	-	2	-	-	-
Fev.	54	4	40	36	-	31	20	-	18	17	-	16	11	-	9	8	-	7	2	-	2	-	-	-
Mar.	58	2	44	36	1	30	21	2	18	17	1	14	11	-	9	8	-	6	2	-	1	-	-	-
Abr.	65	3	47	35	-	30	19	1	16	16	-	14	11	1	10	8	1	6	2	-	1	-	-	-
Mai	59	-	47	39	-	32	19	-	17	16	-	15	10	1	9	7	-	7	2	-	2	-	-	-
Jun.	66	5	48	39	2	29	19	-	16	16	-	15	9	-	8	7	-	6	2	-	1	-	-	-
Jul.	65	2	46	37	1	29	19	-	15	16	-	15	9	-	8	7	-	6	2	-	2	-	-	-
Ago.	67	4	38	40	2	22	19	-	11	16	-	13	9	-	7	7	-	3	2	-	1	-	-	-
Set.	71	2	31	38	2	19	19	1	16	16	1	11	9	1	5	7	-	2	2	-	-	-	-	-
Out.	68	6	43	38	-	30	16	1	12	15	-	13	8	-	6	7	-	5	2	-	1	-	-	-
Nov.	62	1	47	38	1	30	15	-	12	15	-	13	8	-	7	7	-	6	2	-	1	-	-	-
Dez.	61	-	38	37	1	28	15	-	11	15	-	13	8	-	7	7	-	6	2	-	2	-	-	-

Legenda: m = número de matrícula; d = desistências; f = frequência média diária.

Fonte: *Boletim da Escola-Oficina N.º 1*, Lisboa, vol. 1, n. 1, p. 40-43, jan. 1918; vol. 1, n. 2, p. 143-145, abr. 1918

<sup>3</sup> Profissional que confecciona obras em seda.

O quadro a seguir traz o número de alunos matriculados e desistentes, bem como a frequência média diária nas oito classes oferecidas pela Escola-Oficina, no primeiro e no segundo semestre letivo de 1917.

Do quadro apresentado, destacam-se os seguintes aspectos:

- Em primeiro lugar, a significativa discrepância entre o total de alunos matriculados no curso geral (137) e o total de matrículas nos cursos preparatórios profissionais (10), em janeiro de 1917. O número de matrículas nestes últimos cursos corresponde, em relação ao primeiro, a pouco mais de 7%. No decorrer do ano, essa discrepância permanece e o índice percentual que a mede decresce um pouco mais, oscilando em torno de 6%.
- Quando se isola o segmento correspondente aos alunos matriculados nos cursos preparatórios profissionais dos demais, observa-se outra discrepância: o número de matriculados na VII classe é quatro vezes menor que o número de matriculados na VI, que é a primeira classe desse ciclo de estudos oferecidos pela Escola-Oficina. Essa discrepância é ainda maior quando se volta atenção para a VIII classe, que é a última dos cursos preparatórios profissionais e que, em função da opção feita pelo aluno, poderia propiciar-lhe qualificação profissional e ingresso no mercado de trabalho, ou franquear-lhe o acesso às Escolas Industriais e às de Belas Artes. Nenhum aluno se matriculou nessa classe no ano de 1917.
- Com exceção do 1º grau de ensino (I, II e III classes), há uma relativa estabilidade no que diz respeito aos demais, quando se compara o montante de alunos matriculados no início de 1917 com o número de alunos que concluíram esse mesmo ano. Mas há algumas variações e elas são sempre decrescentes. É mais acentuada no 3º grau (27%) e menos no 2º (6%). Quanto aos dois primeiros graus dos cursos preparatórios profissionais (4º e 5º graus), essa variação também se verifica, mas apenas no que diz respeito ao primeiro deles (VI classe), oscilando em torno dos 12%.

- Ainda em relação ao fluxo de alunos – especialmente, no que se refere às matrículas e desistências; as três classes do 1º grau apresentam um comportamento bastante desigual. Esse fluxo é mais intenso na I e II classes e mais estável na III. O número de matrículas é ascendente na I e na II classe e descendente na III.
- A frequência é outro dado que chama a atenção. As faltas, por doença ou por razões não especificadas, são frequentes e muito acentuadas nas primeiras classes do primeiro grau, mas tendendo a se estabilizar nos anos seguintes.

Uma primeira análise da frequência escolar da Escola-Oficina N.º. 1, no primeiro e segundo semestres letivos de 1917, autoriza-nos a afirmar que a maioria dos alunos que, por ela passaram, sequer se aproximou dos cursos preparatórios profissionalizantes oferecidos por essa escola. Por isso, cabe aqui a seguinte indagação: por que razão, então, essa escola comparece na historiografia portuguesa como uma instituição escolar especialmente singular? Certo é que, a julgar pelos dados relativos a 1917, essa razão não estaria na oferta dos cursos preparatórios profissionalizantes, uma vez que, do ponto de vista quantitativo, apenas uma minoria de alunos teria deles se beneficiado. Talvez a razão da referida singularidade se assente, não na profissionalização dos alunos dessa escola, mas no modelo sócio-pedagógico forjado no âmbito de suas práticas escolares. Esta hipótese, surgida no “diálogo com as evidências,” como diria Thompson (1981), é fértil; por conseguinte, ainda precisa ser validada pela “lógica histórica” para ser alçada à condição de categoria explicativa da singularidade da Escola-Oficina N.º. 1, de Lisboa.

O *Boletim* não traz informações detalhadas sobre o ensino das diferentes disciplinas que compunham o currículo da Escola, entretanto é rico em detalhes quanto ao ensino das ciências. O ensino dessa disciplina escolar, como se verá a seguir, observava procedimentos ainda pouco comuns e acionava estratégias inovadoras para aqueles primeiros anos de experiência republicana em Portugal. O responsável por essa disciplina era Antonio Lima, irmão de Adolfo Lima, professor e diretor técnico da Escola logo após a sua funda-

ção, afastando-se, posteriormente, da referida Escola para lecionar e, em seguida, dirigir a Escola Normal Primária do Benfica, na cidade de Lisboa.

### Como as ciências eram ensinadas na Escola-Oficina

Assim, Antonio Lima inicia a apresentação de um longo texto, intitulado “Como ensinamos as ciências”, publicado no segundo número do *Boletim*:

*O trabalho que ides ler, primeira parte de seis outras, não é nem podia ser completo. Não o é, porque apenas pretendemos dar uma leve ideia daquilo que fazemos, daquilo que ensinamos, do como conduzimos o ensino, as aulas a nosso cargo; não podia ser, porque um trabalho desta ordem demanda numerosas faculdades, faculdades que nós não possuímos* (LIMA, 1918, p. 69).

Ao escrever sobre a ordem de exposição dos conteúdos apresentados no plano-programa para o ensino de ciências, o professor adverte que essa ordem não era necessariamente observada, quando a classe era composta por alunos que freqüentavam a escola desde a primeira classe. Para estes alunos, segundo ele:

*[...] pertencentes a classes de média intelectual alta, as lições, os assuntos a tratar, é feito, é dado pelo aluno, pelos fatos diários da vida escolar, em volta de nós, na natureza. Uma pergunta de um aluno, um fermento, um dia de chuva, uma trovoadas, etc., etc., são o suficiente para (dentro do plano) iniciarmos a observação, o raciocínio, a experiência... isto é, a nossa lição* (LIMA, 1918, p. 70).

Entretanto, lamenta o professor – “a baixa média intelectual da classe, o interesse nulo, a submissão ao professor dos alunos vindos de outras escolas, que esperam a ‘lição feita’ e a explicação do professor, são fatores que nos têm obrigado a seguir por vezes a ordem descrita” (*Ibidem*).

Temos aqui duas importantes características das práticas de ensino na Escola-Oficina: a não-utilização de livros, compêndios, da lição de cor, marcada, e a participação ativa do aluno. Este é quem, em última instância, faria a aula acontecer. O professor, de acordo com essa concepção, deveria ser apenas um guia. A partir dos interesses do aluno, deveria conduzi-lo às lições que desejava e precisava ensinar. Pode-se afirmar, quanto a essa orientação, que a Escola-Oficina era uma escola ativa.

Para António Lima, as noções de ciências deveriam ser trabalhadas desde a escola maternal, sob a forma de noções de coisas. Reprovava o ensino da leitura na “escola da primeira infância”, por considerá-lo uma prática extemporânea e, no seu lugar, advogava a importância da educação sensorial, ancorada em noções de coisas. Para uma criança saber o que lê, seria preciso, segundo ele, que ela conhecesse o significado das palavras, que tivesse, portanto, noções de coisas. Que tivesse, numa palavra, vivenciado a natureza. Caberia ao professor da primeira infância passear com as crianças pelas ruas, jardins e arredores da escola, além de levá-las para passear pelas margens dos rios, para visitar docas e estações de trens, por exemplo. Esse seria o momento, segundo ele, das “noções de coisas, em face do que é real, verdadeiro”. Somente em casos especiais de curiosidade é que professor poderia mostrar à criança o fictício, o artificial. No entanto, o professor não poderia confundir “noções” com “lições” de coisas. Estas, segundo ele, seriam ainda para mais tarde (*Ibidem*, p. 72).



Aula de Noções de Ciências  
Desenho do aluno C. V. de 9 anos - III classe  
Fonte: Boletim da Escola-Oficina nº 1, Lisboa, vol. 1, n. 2, p. 69, abr. 1918

Do mais próximo ao mais distante. Do concreto ao abstrato. Eis aqui, uma importante característica do método de ensino advogado por António Lima, praticado de forma bastante peculiar na Escola-Oficina, por uma única razão: a escola ainda não havia aberto classes para o maternal. As crianças que nela ingressavam não apresentavam, portanto, a preparação desejada. Para a resolução do problema, algumas mudanças foram feitas no plano-programa da Escola para o ensino das ciências. A solução encontrada, segundo António Lima foi “dividir pelas duas primeiras classes, e por parte da terceira, o que devia ser dado e sabido desde a escola maternal”, o que teria exigido “uma alteração no modo de conduzir o ensino e até mesmo uma modificação na orientação desse ensino” (LIMA, 1918, p. 72).

O quadro a seguir traz a relação dos conteúdos trabalhados e das metodologias adotadas no ensino das ciências em cada uma das oito classes.

O ensino das ciências repartia-se pelas oito classes dos três cursos que a Escola oferecia, mas se constituía em uma disciplina com hora “rigorosamente” marcada, somente a partir da III classe (*Ibidem*: 74). Um exemplo de como António Lima conduzia o ensino encontra-se no segundo número do *Boletim*, publicado

em abril de 1918. Trata-se do Plano-programa da III classe do 1º grau, para crianças de 9 anos de idade. Esse plano previa três aulas semanais de 50 minutos cada uma, em sala de aula, e seis aulas de 30 minutos cada uma, para atividades práticas na horta da escola. Embora os tempos de duração das aulas teóricas e práticas estivessem assim definidos, na prática, a duração dessas aulas dependia, “não do relógio, mas da atenção, interesse, fadiga, desinteresse etc, manifestados pelos alunos” (LIMA, 1918, p. 81).

Atentar para a forma como António Lima registra as informações no referido Plano é deveras importante. O texto foi organizado por aulas (130 no total), que são apresentadas de forma sequencial e agrupadas em alguns momentos. Para cada um dos registros de aula, a definição quanto à principal atividade a ser nela desenvolvida, assim categorizada pelo referido professor: 1) palestras, ou narrativas: a) com experiências na aula, ou na horta; b) com trabalhos práticos; c) de recapitulação; d) com projeções; e) com gravuras; f) com quadros; g) com postais; h) com coleções do museu da Escola; 2) experiências; 3) desenhos; 4) cópia de esquemas; 5) excursões; 6) animatógrafo. Definida a principal atividade da aula, é detalhado o assunto a ser nela tratado e, conforme o

**Quadro IV** – Plano-programa de Ciências da Escola-Oficina N.º 1 (1917)

CLASSE	IDADE	ORIENTAÇÃO / CONTEÚDO	METODOLOGIA
I	7	Intuição das coisas	Intuição
II	8	Intuição das coisas	Intuição
III	9	Noções de coisas	Observação
IV	10	Noções práticas de coisas	Experimentação
V	11	Lições práticas de coisas	Conhecimento
VI	12	Noções de ciências	Experiência (raciocínio indutivo)
VII	13	Noções práticas de ciências físicas: elementos de física, mineralogia e química <sup>4</sup>	Estudo (raciocínio dedutivo) – Lei – Teoria
		Noções práticas de ciências naturais: elementos de geologia, botânica, zoologia, fisiologia e higiene, biologia <sup>5</sup> .	
VIII	14	Noções práticas de ciências físicas: elementos de física, mineralogia e química	Estudo (raciocínio dedutivo) – Lei – Teoria
		Noções práticas de ciências naturais: elementos de geologia, botânica, zoologia, fisiologia e higiene, biologia	

Fonte: *Boletim da Escola-Oficina N.º 1*, Lisboa, vol. 1, n. 2, p. 75, abr. 1918.

<sup>4</sup> A depender do curso preparatório profissional escolhido pelo aluno.

<sup>5</sup> A depender do curso preparatório profissional escolhido pelo aluno no ano letivo anterior.

caso, apresentados os materiais de ensino que lhe servirão de apoio. Desenhos, esquemas, tabelas e reproduções de trabalhos de alunos ilustram o registro de parte significativa das 130 aulas. Notas acompanham quase todos esses registros de aulas, nas quais o autor observa, comenta e avalia aspectos de sua própria prática, seja no interior da escola, na sala de aula, seja nas excursões e visitas de estudo. Notas que possibilitam conhecer aspectos importantes do cotidiano da Escola-Oficina, relativos, principalmente, aos métodos de ensino e aos equipamentos e materiais utilizados em sala de aula, mas também ao alunado e à sociedade portuguesa de então, como demonstrados nas notas a seguir.

Em notas sobre as excursões e visitas de estudo, por exemplo, Lima afirma que essas atividades objetivavam completar o ensino em momentos próprios e como demonstração do que se ensinava na escola, na sala de aula. Não eram atividades casuais, mas planejadas e metodizadas. Para cada uma das classes, um número mínimo de visitas e excursões era planejado. Um número, entretanto, apropriado aos ensinamentos recebidos na escola e compatível com as idades das crianças. Sobre a condução dessas visitas e excursões, ele assim se manifestou:

*Durante a excursão deixamos as crianças em plena liberdade, não lhes tolhemos os passos, a iniciativa de observação; não as obrigamos a seguir e a ver aquilo que não as interessa; mas aproveitamos disfarçadamente o momento para instruí-las naquilo que foi o fim da excursão* (LIMA, 1918, p. 101).

Sobre os diferentes recursos didáticos utilizados em sala de aula, sobretudo nos momentos de recapitulação dos conhecimentos adquiridos, Lima discorre, em outra nota, sobre as vantagens do animatógrafo frente a outros recursos assemelhados, como postais, gravuras e quadros. Diz ele:

*A imagem, a gravura, o quadro não podem senão fornecer à criança uma noção confusa; em ninguém, por muito bem fa-*

*lante e claro o modo de expor, poderá tão pouco dar ideia nítida sobre uma coisa que as crianças nunca viram; pelo contrário, a simples comparação com coisas reais pode muitas vezes originar, como origina, falsas ideias, senão fantasias.*

*Há em todos estes meios de ensino a falta de movimento, de vida, e portanto de correlação entre o meio e as coisas, entre os próprios seres, entre os fenômenos.*

*Só o animatógrafo suprime em grande parte estas deficiências* (LIMA, 1918, p. 108-109).

Além do animatógrafo, Lima recorria a outros recursos para as constantes recapitulações dos conhecimentos adquiridos, como cópias e ditados de esquemas; todavia, preferia as cópias aos ditados. Em outra nota, assim justifica tal preferência:

*Além da cópia de esquemas, usamos às vezes, mas raramente, ditar os resumos das noções adquiridas.*

*Não achamos o ditado muito conveniente. Nesta classe [III do 1º grau], ainda o aluno escreve, ortografa mal, o que nos obriga a uma perda de tempo, à revisão – além de em geral ser mau o aspecto do caderno e a disposição péssima.*

*O caderno do aluno ainda é para nós um problema.*

*O que fazer? Que modelo adotar?*

*A ornamentação do caderno pelo aluno terá o valor educativo que se lhe atribui? Ou, pelo contrário, contribuirá para um desleixo, como no aproveitar um borrão... para fazer uma flor? Não virá ainda auxiliar a tendência pra rabiscar em tudo e por tudo?*

*Não será mais educativo, preferível, um caderno limpo, com bonita disposição, com boa caligrafia?*

*Não será também mais artístico?*

*Com o esquema evitam-se estes inconvenientes* (LIMA, 1918, p. 115).

Ainda sobre as recapitulações, Lima apresenta outros processos por ele utilizados em sala de aula, tendo em vista a fixação dos conhecimentos adquiridos. São processos que consistem, basicamente, na apresentação de problemas (questões), escritos no quadro negro, que eram copiados e respondidos pelos alunos nos seus cadernos de apontamentos. Segundo ele, esse processo era bastante aceito e apreciado pela maioria dos alunos de “maior intelectualidade”, mas não pelos demais.

Em outra nota, rememorando acontecimentos singulares de sua própria prática, Lima nos informa sobre o destino de muitos dos egressos da Escola-Oficina e nos revela as razões pelas quais muitos deles abandonavam a escola antes de concluírem o curso. Sobre tais acontecimentos, ele assim se expressou:

*A linguagem usada para com os alunos nas palestras, nas explicações das primeiras classes, é quanto possível baixada à sua compreensão. Omitimos palavras, chavões, e procuramos gradualmente introduzir a linguagem científica, à medida que os alunos tomam conhecimento com os fenômenos, que estes aparecem e que o desenvolvimento do aluno se vai notando.*

*Recorda-nos uma classe, a que capitaneava um aluno singularmente intelectual. Ao acabar de expor a noção que desejávamos dar, o dito aluno traduzia, por assim dizer, as nossas palavras para a linguagem corrente entre eles. O resultado era surpreendente, tanto mais que, se excluíssemos 3 ou 4 alunos (de 13), os restantes eram de fraca inteligência e mais manuais do que intelectuais.*

*Esta classe é a melhor que temos tido; pena foi que todos os alunos que a compunham saíssem da escola antes de terminarem os cursos – para... serem distribuidores de cartas de uma agência!... marçanos<sup>6</sup> de loja de modas!... distribuidores de carne!... pedreiros!... serralheiros!... tendo já dois falecidos por depauperamento físico (LIMA, 1918, p. 97).*

Por fim, uma última nota. Nela, António Lima expõe e comenta aspectos bastante prosaicos acerca dos hábitos de higiene da população para a qual a Escola se encontrava voltada. Segundo Lima, os alunos recebiam com compreensão e atenção as noções e indicações sobre higiene que ele lhes passava, as quais eram simplesmente inutilizadas pelas famílias. Para ilustrar tal ocorrência, cita os seguintes exemplos:

*Um aluno, que, atento e com inteligência seguira as nossas indicações sobre higiene, notou uma vez que a criada e a mãe estavam fazendo qualquer coisa que era anti-higiênica, e, cheio de saber e justiça, censurou...*

*“Fui posto fora da cozinha... com uma roda de estúpido”, disse-nos com tristeza.*

*Outro, quase nas mesmas condições, mas esse com o pai:*

*“O teu professor é parvo”, disseram-lhe; “que te ensine bem as contas, e deixe caminhar o resto” (LIMA, 1918, p. 128).*

Sem desautorizar pais e parentes que assim se comportavam, António Lima afirma: “Não desanimar... Caminhar, caminhar sempre” (*Ibidem*).

<sup>6</sup> Aprendizes de caixeiro.

### Considerações finais

Optamos por apresentar alguns dos principais traços do ensino de ciências na Escola-Oficina N.º 1 de Lisboa, por ter sido o ensino dessa disciplina aquele que mais espaço ocupou nas edições do *Boletim*. O segundo número, o mais extenso dos quatro publicados<sup>7</sup>, foi quase todo dedicado ao ensino dessa disciplina escolar, ocupando setenta, das cento e quatro páginas desse número. Além disso, António Lima, que era um dos professores anarquistas da Escola, fez circular, em outros periódicos da imprensa libertária, vários textos de sua autoria sobre o ensino de ciências. Por essa razão, esse professor pode ser considerado uma figura de referência no campo da educação anarquista daqueles tempos, no que diz respeito ao ensino da referida disciplina.

Embora tenhamos adotado o critério da presença para escolhermos a prática de ensino de ciências, cujos principais traços foram aqui apresentados, não nos escaparam outras práticas escolares também contempladas no *Boletim*, porém não com a mesma ênfase dada ao ensino daquela disciplina. Dentre estas práticas, destacamos as seguintes: o teatro escolar (conjunto de atividades que iam desde a escolha da peça – que às vezes, por exemplo, eram traduzidas do francês pelos próprios alunos da Escola, com o auxílio, evidentemente, do professor dessa língua – até a sua

apresentação, passando pelas atividades de confecção dos cenários e dos figurinos, por exemplo), a educação musical (uso de partituras), a biblioteca dos alunos (obras mais requisitadas), o ensino da modelação e o ensino de sociologia.

Também não nos escaparam outras práticas que, por alguma razão, foram esquecidas, ou preteridas no *Boletim*. Não há, aqui, como deixar de fazer menção a algumas delas, dado que eram consideradas fundamentais por aqueles que afirmavam primar pela educação integral. A educação física é indiscutivelmente uma delas. Exceção feita a uma, ou outra menção às aulas de natação, promovidas pela associação discente *A Solidária*, e a uma foto que registrou a visita do primeiro presidente da República portuguesa à Escola, o qual aparece sentado em uma confortável cadeira, rodeado por alunos e professores, a assistir a uma demonstração de exercícios ginásticos realizados por alguns alunos, nenhum outro registro foi feito, no *Boletim*, sobre essa prática escolar. Outra ausência, digna de nota, diz respeito às práticas de alfabetização e ao ensino da língua portuguesa. Com exceção de alguns pequenos indícios presentes nos registros de António Lima sobre suas aulas de ciências, nenhuma palavra sobre o assunto é fornecida ao leitor do *Boletim*. Outras ausências, além destas, foram percebidas, mas este é um assunto para outra oportunidade.

<sup>7</sup> O número de páginas dos quatro números do *Boletim* são, respectivamente, 50, 104, 32 e 36.

## Referências

BARREIRA, Luiz Carlos. *Imprensa periódica e circulação de modelos sócio-pedagógicos: experiências de educação libertária em Portugal no limiar do regime republicano (1911-1919)*. Projeto de Pesquisa. São Paulo: FAPESP, 2008.

CANDEIAS, António. *Educar de outra forma: a Escola Oficina n.º 1 de Lisboa, 1905-1930*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1994.

LIMA, António. Como ensinamos as ciências. *Boletim da Escola Oficina N.º 1*, Lisboa, vol. 1, n. 2, p. 69-138, abr. 1918.

### Sobre o autor

**Luiz Carlos Barreira** – Doutor em História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas, com pós-doutorado na Universidade de Lisboa; professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba; desenvolve projetos de pesquisa na área da história e historiografia da educação. E-mail: luizcarlosbarreira@gmail.com.